

# «SIGILLATA» (PALEOCRISTÃ) CINZENTA DE TRÓIA DE SETÚBAL \*

por **Maria Garcia Pereira Maia**

A colecção de cerâmica romana conservada no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia está longe de possuir as condições ideais para que do seu estudo se possam tirar conclusões sólidas. Os espécimens carecem de dados estratigráficos seguros e as recolhas não oferecem garantias de terem sido exaustivas. Apenas me proponho, portanto, apresentar os exemplares de «Sigillata» (paleocristã) Cinzenta de Tróia aí conservados, contribuindo para assinalar mais um ponto no mapa de distribuição desta cerâmica para Ocidente.

Simultaneamente, a publicação destas peças permite acrescentar mais um traço à densa rede de relações marítimas de Tróia. De forma simplista, pode afirmar-se que a Sigillata Clara afluí a esta estação desde o Norte de África em grandes quantidades, nos três fabricos de exportação mais difundidos: os tipos A, C. e D.

Alguns fragmentos de «Sigillata Luzente»<sup>(1)</sup> atestam que Tróia se não fechava à Gália do Sul nos finais do Séc. III e inícios do IV d.C., como não o havia feito no período de laboração das oficinas Rutenas (cujos produtos são, contudo, muito mais numerosos na estação), e como não o fará na viragem do Sec. IV para o V d.C..

Os fragmentos da chamada «Late Roman C ware» que igualmente publiquei noutra local<sup>(2)</sup> provam que Tróia conheceu alguns contactos com a via marítima que, do Próximo Oriente, chegava até à Grã-Bretanha, na segunda metade do Sec. V e inícios do VI d.C.

Até ao momento podem assinalar-se em Portugal três pontos onde foram recolhidas

---

(\*) Comunicação apresentada ao II Colóquio Arqueológico de Setúbal (1975).

(1) Maria Garcia Pereira, **Alguns Aspectos da «Terra Sigillata» de Tróia (Setúbal)**, in *Setúbal Arqueológica*, vol. I, Setúbal, 1975.

(2) Maria Garcia Pereira Maia, **Cerâmica Fina Oriental de Tróia de Setúbal**, in *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia*, Porto 1974, pp. 333 - 341.

peças em «Sigillata» (Paleocristã) Cinzenta: Conímbriga<sup>(3)</sup>, Póvoa de Cós<sup>(4)</sup> e Tróia. Se acreditarmos que o mapa de distribuição desta cerâmica em território nacional pode ser «grosso modo» coincidente com o da «Sigillata Luzente», dadas as relações de familiaridade das duas produções e a probabilidade de continuação da rota por elas seguida, deverá esperar-se a sua ocorrência igualmente em várias localidades do Algarve.

Do facto das três estações portuguesas onde até agora foi noticiada a existência de «Sigillata» (Paleocristã) Cinzenta se encontrarem em pontos facilmente acessíveis por mar não se pode concluir que a sua via de penetração fosse apenas marítima, tanto mais que esta produção foi já recolhida na Península Ibérica em pontos do interior, mas com acesso fluvial como Mérida<sup>(5)</sup> e noutros francamente interiores.

As peças em «Sigillata» (Paleocristã) de Tróia são todas cinzentas, mas nota-se grande variedade de coloração e contextura de pastas. O engobe é quase sempre tão delgado que não chega a cobrir a pasta, variando de peça para peça. A coloração da pasta vai desde o cinzento escuro ao cinzento-beije, com zonas levemente alaranjadas. Entre estes extremos situa-se uma gama de cinzentos claros, cinzentos azulados, cinzentos amarelados.

A decoração estampada, muito frequente nesta produção, permitiu a Rigoir<sup>(6)</sup>, autora dos estudos mais completos sobre esta cerâmica, distinguir três grupos principais de fabrico, apoiando-se ainda na frequência de ocorrência de peças alaranjadas e cinzentas.

Estes grupos, associados pela autora a diferentes regiões de origem (Groupe Languedocien-Narbonnais, Provençal, Atlantique), correspondem, segundo Hayes<sup>(7)</sup>, a fases da evolução do fabrico. Assim, o Narbonense não difere, no que respeita à decoração, estilisticamente, da primeira fase dos produtos africanos dos finais do séc. IV e inícios do V d.C..

O grupo Provençal apresenta motivos comparáveis aos da «Sigillata Clara» D de meados-finais do séc. V, enquanto o grupo Atlântico, que se emancipou da influência africana, quase só se ligando a correntes de fabrico locais, quer sob o ponto de vista de formas, quer de decoração, não é anterior ao séc. VI d.C..

Uma tentativa de integração das peças com decoração nos grupos definidos por Rigoir revelou a ausência de exemplares atribuíveis ao «Grupo Atlântico», enquanto os outros dois estão representados em proporções quase equivalentes, facto que nos permite enquadrar cronologicamente a colecção de Tróia entre cerca de 400 e 450 d.C..

---

(3) J. Alarcão, *Cerâmica Estampada Cinzenta de Conímbriga* —, in Arquivo de Beja, XXII, (1965), pp. 191 - 196.

(4) De Póvoa de Cós conserva-se no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia um fragmento de aba de grande prato de forma Rigoir I, com uma linha de pérolas no bordo, semelhante aos exemplares de Tróia desta forma, mas com o engobe mais escuro, espesso e brilhante. Inv. 18103.

(5) Zeiss, *Spätromische Stempelverzierte Keramik aus Portugal und Spanien*, in «Homenagem a Martins Sarmiento», Guimarães 1933, pp. 466 - 72.

(6) J. Rigoir, *La céramique sigillée grise paleo-chrétienne*, in «Provence Historique», X 1960 (Rigoir I). Idem, *Les Sigillées Paléochrétiennes Grises et Orangées*, in «Gallia» XXVI (1968) pp. 177 - 244. (Rigoir II).

(7) J. W. Hayes, *Late Roman Pottery*, London 1972.

## DESCRIÇÃO :

- 1 — (Est. I, 1) Ref. T-381 - M. Forma Rigoir 3a Taça de corpo quase hemisférico, pé alto, aba horizontal, saliente. A pasta, de grão muito fino e compacta, apresenta fractura quase rectilínea. O engobe que a reveste é cinzento escuro, com um leve tom amarelado. A face superior da aba apresenta incisões praticadas pela técnica de «guillochis». Tanto a forma como a decoração desta peça encontram paralelo num exemplar de Narbonne (Rigoir II, 673-856, Est. IV).
- 2 — (Est. I, 2) Ref. T-251 - M. Forma Rigoir 18. Taça de corpo hemisférico com colo bem diferenciado da pança. Lábio pouco marcado. A pasta é cinzenta amarelada compacta, com fractura rectilínea. O engobe é um pouco mais escuro que a pasta.  
A peça é decorada no colo e na pança. No colo, figura um friso formado por grupos de dois pequenos círculos concêntricos. A pança apresenta uma faixa de elementos verticais compostos por uma série de pequenas incisões que formam dois traços paralelos, terminados superior e inferiormente por um pequeno círculo. Mais abaixo existe uma faixa de palmetas inscritas em rectângulos e dispostas verticalmente. Estes motivos encontram paralelos<sup>(8)</sup> em exemplares do «Grupo Narbonense», especialmente a palmeta.
- 3 — (Est. I, 3) Ref. T-386 - M. Forma Rigoir 6b. Taça de corpo hemisférico e bordo engrossado. A pasta é cinzenta clara, compacta, com fractura rectilínea. O engobe é muito delgado e sem brilho.  
A peça está decorada por meio de uma faixa de motivos verticais muito semelhantes aos da peça anterior, embora, aparentemente, não resultem do mesmo punção.  
Tomando como referência os paralelos mais próximos para os motivos decorativos que figuram nas peças até agora descritas, elas podem ser integradas no «Grupo Languedocense ou Narbonense». Os exemplares que se seguem encontram paralelos no «Grupo Provençal».
- 4 — (Est. I, 4) Ref. T-385 - M. Forma Rigoir 3b (?). Taça quase completa, de corpo sensivelmente hemisférico e pé relativamente alto. Larga aba saliente, com dois recortes semi-circulares que definem duas pontas, ligadas entre si por uma zona recta. A sua pasta é cinzenta amarelada, compacta, com fractura um pouco irregular. O engobe é muito delgado e sem brilho.  
A forma deste exemplar não corresponde exactamente à variante b da forma Rigoir 3, que é descrita como possuindo uma aba larga e recortada, que forma como que uma estrela curvilínea de quatro ou seis pontas<sup>(9)</sup>. Talvez a taça de Tróia constitua uma variante simplificada da forma do exemplar 16978

---

(8) Pequenos círculos concêntricos. Rigoir II, Est. VI, peça de Narbonne, 77315 B. Elementos verticais: Rigoir II, Est. XII, exemplar de Grotte des Fées. Cfr. igualmente a peça n.º 3. Palmeta: muito próxima do motivo descrito como «rectangle incisé de chevrons», característico do Grupo Narbonense. Rigoir II, Est. X, exemplar de Pas-de-la-Selle e Est. XVI, peças de Grotte des Fées e Villedaigne.

(9) Rigoir II, p. 202.

de Génève<sup>(10)</sup> ou se possa relacionar com a peça XII-1-2 de Marselha<sup>(11)</sup>, que apresenta uma decoração incisa muito semelhante à desta taça.

A parte central da face superior da aba está decorada com grupos de círculos concêntricos que formam uma faixa na sua zona mais estreita e se dispõem em triângulo nos bicos recortados. O bordo da aba apresenta pequenas incisões que podem ser consideradas versões da linha de pérolas frequente nesta cerâmica. O motivo de círculos concêntricos aqui presente é muito frequente, mas encontra o paralelo mais próximo no «Grupo Provençal»<sup>(12)</sup>.

- 5 — (Est. I, 5) Ref. T-252-M. Fragmento de parede lateral de vaso de forma difícil de identificar. Rigoir 15 a, 18 (?). A sua pasta é cinzenta clara azulada. O engobe é cinzento escuro, relativamente espesso, com algum brilho.

A decoração é composta por um friso de arcos em V invertido, sobrepostos nas extremidades. Os arcos são formados por uma depressão central linear, ladeada por pequenas incisões mais ou menos quadrangulares. Este motivo é considerado característico<sup>(13)</sup> da produção Provençal.

- 6 — (Est. I, 6) Ref. T-387-M. Forma Rigoir 1. Fragmento de parede lateral de prato com incisões verticais na face externa. Pasta e engobe cinzentos, sendo este muito delgado.

As incisões na face externa da pança, conhecidas na «Sigillata Clara» D (forma Lamboglia 51 a), são comuns às produções de ambos os grupos, embora as do grupo Provençal<sup>(14)</sup> se distingam pelo facto de serem paralelas, como sucede no caso presente.

A forma mais representada em Tróia é o grande prato covo Rigoir 1 que parece ser, de resto, o tipo de prato mais frequente nos grupos Languedocense e Provençal, sobretudo nas cidades e nas «Villae». Todos os fragmentos de aba desta forma recolhidos em Tróia apresentam como decoração apenas uma fileira de semi-esferas praticadas no rebordo elevado da orla exterior da aba e que parece inspirar-se nos vasos metálicos seus contemporâneos<sup>(15)</sup>.

Os perfis destes pratos, não encontram, de uma forma geral, paralelos exactos publicados, devido a diferenças de pormenor, tais como a inclinação da aba, a espessura da parede ou ângulo de ligação da aba com a parede lateral.

- 7 — (Est. II, 1) Ref. T-246-M. Forma Rigoir 1. Parede muito grossa, fundo plano, aba levemente inclinada para o interior. A pasta é cinzenta clara, branda e rugosa. O engobe é inexistente, parecendo que a própria pasta foi aplicada, mais líquida, sobre a superfície alisada.

---

(10) (11) Rigoir II, Est. V, forma 3 b.

(12) Rigoir II, Est. VI, exemplar de Puyloubier.

(13) Rigoir II, p. 186, Fig. 6.

(14) Rigoir II, p. 200

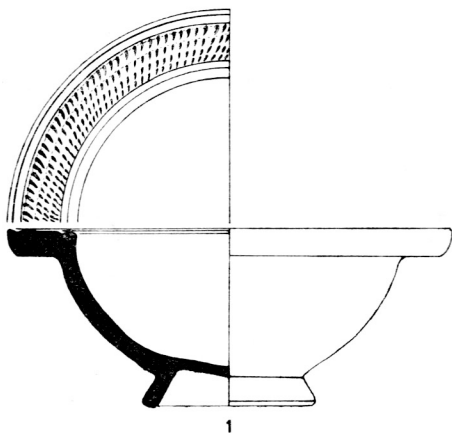
(15) Um facto que chama a atenção é a absoluta predominância da decoração de pérolas nas abas, que se regista nas peças desta forma recolhidas em Portugal: Em Tróia todas as abas de forma 1 são assim decoradas. Em Conímbriga, quatro dos cinco pratos publicados possuem o mesmo remate na aba, assim sucedendo igualmente em relação ao exemplar de Póvoa de Cós.

A decoração consiste numa série de incisões hemisféricas pouco marcadas, acompanhando o bordo exterior da aba.

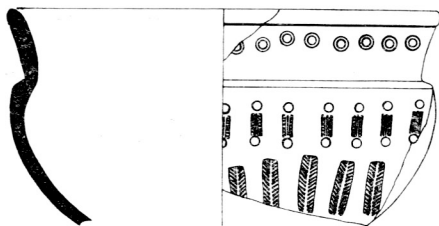
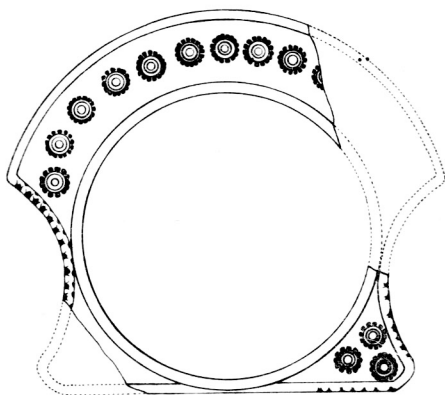
A peça provem do Talhão D-18 3.ª secção, 3.ª camada.

- 8 — (Est. II, 2) Ref. T-250-M. Forma Rigoir I. Fundo plano, aba quase horizontal. A ligação parede interna-aba é sublinhada por uma moldura bem marcada. A pasta é cinzenta clara levemente azulada e o engobe é cinzento-beige com algum brilho. A orla da aba possui o friso de incisões semi-esféricas pouco marcadas. Provem do Talhão D-18, 1.ª secção, 1.ª camada.
- 9 — (Est. III, 1) Ref. T-245-M. Forma Rigoir 1. Fundo plano, aba sensivelmente horizontal. Ligação parede interna-aba sublinhada por moldura bem marcada. A pasta é cinzenta clara levemente azulada. O engobe é cinzento-beige e polido. Ao longo da orla exterior da aba existe o friso de incisões semi-esféricas. Provem do Talhão D-18, 3.ª secção, 3.ª camada.
- 10 — (Est. I, 7) Ref. T-247-M. Forma Rigoir 1. Fragmento de aba espessa. A pasta é «beige» alaranjada, compacta e o engobe, «beige», espesso e polido. As incisões que rematam a aba são mais altas e mais bem marcadas do que nos casos anteriores. Provem do Talhão D-18, 3.ª secção, 3.ª camada.
- 11 — (Est. III, 2) Ref. T-245-M. Forma Rigoir 1. Fundo plano levemente alteado ao centro, parede lateral alta, aba levemente inclinada para o exterior. A pasta é cinzenta clara levemente azulada. O engobe é cinzento, espesso, pouco polido e pouco aderente. A aba é adornada por um friso de pérolas altas, bem destacadas.

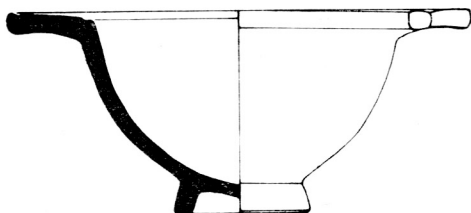
ESTAMPA I



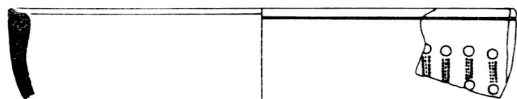
1



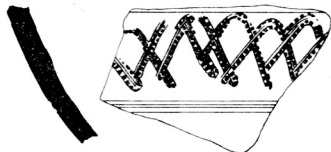
2



4



3



5

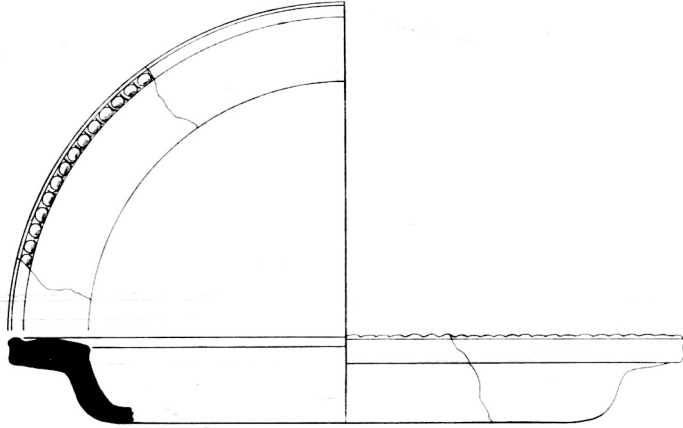


6

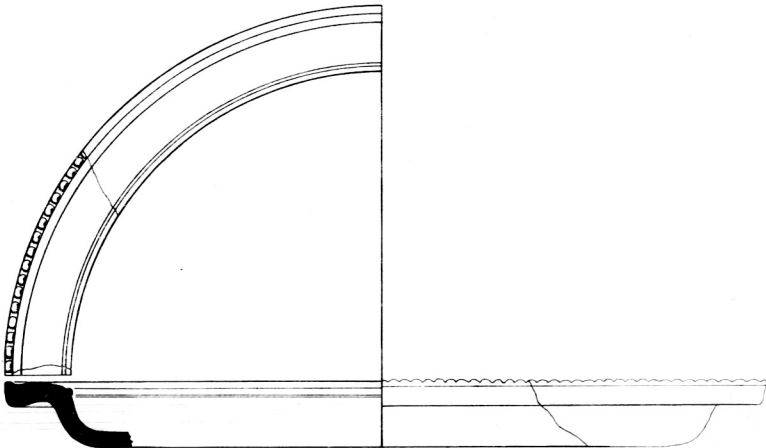


7

esc.1:3

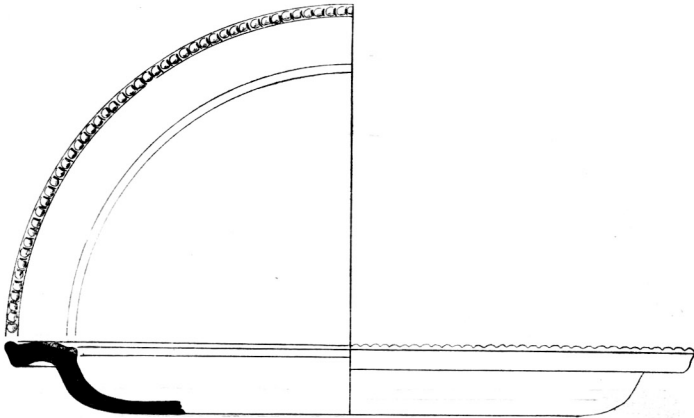


1

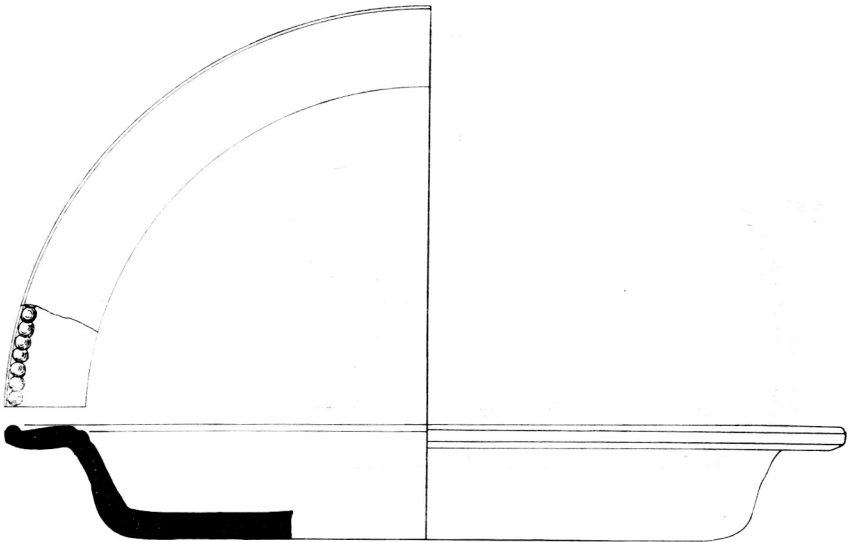


2

ESTAMPA III



1



2